



GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) - Coordenador/a,
Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) - Coordenador/a,
Mônica da Silva Araujo (UFPI) - Debatedor/a

Este grupo de trabalho é fruto de estudos e esforços da antropologia brasileira em compreender das práticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos últimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as práticas esportivas estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e têm adquirido maior visibilidade, tanto no cenário brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no número de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude temática), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticalização) de problemáticas concernentes à área. Nesse sentido, é no espaço do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais clássicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indivíduo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, além de outros mais contemporâneos, como as questões de gênero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetivações e as próprias práticas esportivas. Essas temáticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, vôlei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, natação, dança e outras. O objetivo deste GT, portanto, é possibilitar e dar manutenção ao espaço de diálogo, trocas, interlocução e colaboração entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

Professores, cartolas e boleiros: agenciamentos Sateré-Mawé em olimpíadas e campeonatos de futebol indígena

Autoria: Ana Letícia de Fiori

Esta comunicação descreve os movimentos de professores indígenas Sateré-Mawé por entre aldeias e cidades (Parintins e Barreirinha-AM) do Baixo Amazonas para a organização, realização e participação de festas com caráter esportivo: olimpíadas indígenas e campeonatos de futebol, analisados sob a chave da interculturalidade. Discutem-se os agenciamentos desses professores enquanto lideranças, responsáveis por movimentar a comunidade, tornando-a vívida e animada, e angariando pessoas e recursos de dentro e de fora da área indígena, movimento para torná-los também pessoas magnificadas. A escola é um locus central, mas não o único, para tais agenciamentos, por conta das conexões que permite com instituições públicas, empresários, políticos e outras "autoridades" locais, além dos próprios rendimentos dos professores, utilizados para o financiamento de fardas, bolas, alimentação, prêmios e o deslocamento das equipes (pelos rios e igarapés da região). A escola fornece certa gramática para estas festas, por meio de seu calendário; do manejo de ofícios, regulamentos dos campeonatos e outras formas de "assinatura do estado"; que podem tanto produzir consensos quanto acusações entre as equipes, em uma lógica algo análoga às acusações de feitiçaria. Pela escola também circulam práticas desportivas e protocolos incorporados a estas competições, como esportes "olímpicos" (corrida com obstáculos, arremesso de peso) e práticas cívicas, trazidas desde o paradigma da escolarização indígena para a assimilação e integração, mas transformadas pelas perspectivas indígenas em diferentes formas de fazer política e manejar alteridades. Os times de futebol, por sua vez, de formação mais peregrina que as equipes das competições olímpicas escolares, movimentam comunidades e movimentam-se por comunidades, acumulando um histórico de vitórias e derrotas, lances memoráveis e reputações para seus jogadores; marcam laços de amizade, aliança ou parentesco; e são grande assunto



para conversas, mesmo à distância nas redes sociais (Facebook, Whatsapp) acessadas pelos "parentes" que estão nas cidades. Ambas as competições olímpicas e os campeonatos de futebol produzem corpos e estéticas em que se medeiam e manipulam potências indígenas e não-indígenas, seja pela decoração dos corpos com urucum, jenipapo, cocares e outros elementos que são avaliados enquanto "indígenas", pelo fardamento dos times e suas bandeiras tremulando pelos rios, pelas reuniões, conselhos e preleções das lideranças buscando consenso; pelo consumo benéfico de guaraná e alimentos benéficos ou o risco trazido pelas bebidas alcólicas, um dos motivos pelos quais a conciliação e boas palavras das lideranças podem dar lugar a brigas e conflitos, trazendo à tona a semente da guerra que é o verso das festas indígenas.



Realização:



Apoio:



Organização:

